



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CURSOS DE VERÃO 2022

Docente: Rafael Fernandes Mendes Júnior (Pesquisador de Pós-doutorado)

Curso: Interfaces histórico-antropológicas com François Hartog e Roy Wagner: uma aproximação

Horário: 20:00 às 22:00h

Duração do curso: 07 a 18/03

Carga horária: 60 horas

Ementa:

A proposta deste curso é realizar um cruzamento de perspectivas entre a história e a antropologia, sobretudo a partir dos trabalhos de dois autores: François Hartog e Roy Wagner. O objetivo desse exercício é estabelecer um diálogo e uma reflexão que permitam interpretar dados etnográficos à luz de seus contextos históricos.

Marshal Sahlins talvez foi um dos precursores deste exercício, ao utilizar o conceito de estrutura da conjuntura, proposto por ele mesmo em um trabalho de 1981, e recuperado em Ilhas de História, quando analisou os desdobramentos da coincidência de um evento mítico (o retorno do deus Lono) e de um evento histórico (a chegada do capitão Cook ao Hawaii).

O trabalho de Sahlins mostra as interpretações e reinterpretações, por povos nativos, desses eventos ocorridos no âmbito do encontro colonial e mais ainda, que o pensamento nativo não é prisioneiro de elaborações míticas. Vale à pena aqui, parafrasear Lévi-Strauss: "todos os mitos não nos diz[em] como as coisas realmente aconteceram. Ele[s] fala[m] da necessidade que os homens têm de imaginar como as coisas aconteceram para tentar superar contradições". As relações entre os

mitos poderão ser transformadas quanto maior, mais diversa e intensa forem os encontros entre culturas distintas.

Tomando como ponto de partida de que toda sociedade/cultura está em relação com outras sociedades/culturas em determinado contexto histórico, as questões que nortearão esse curso serão as seguintes: seriam as relações entre cultura e história antinômicas? O que significa inventar cultura? E escrever História? Como se inventa culturas? Há alguma interface entre “ver” e “inventar”?

Uma cultura toma consciência de si somente em face do encontro com outra cultura. Seria a invenção da cultura um esforço de tradução – por profissionais especializados (também conhecidos como antropólogos) – da cultura vista para a cultura do “observador”? Em *A invenção da cultura* (2010 [1981]), Roy Wagner propôs compreender o processo de *invenção* como algo que ocorre de forma objetiva, por meio da observação participante e do aprendizado em campo, e não como uma espécie de livre fantasia. O exercício de ver, também ofício de historiadores, não seria também uma invenção, exatamente no sentido wagneriano, de quais fatos são selecionados nos termos de uma narrativa histórica?

Bibliografia

HARTOG, François. *O que os historiadores veem*. Belo Horizonte, Autêntica, 2020 [2005], 2ª parte, capítulos I e IV.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1996 [1958]. Capítulo I.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro. Zahar. 2003 [1985]. Capítulos I, IV e V.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010 [1981], Introdução e capítulo I.